



ID: 60262754

22-07-2015

PS demarca-se da receita de Sócrates, PM desafia oposição

Conferência. Costa admite que socialistas têm de “fazer diferente” na política orçamental. Passos quer que os restantes partidos digam quanto pretendem gastar em cada setor do Estado

OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

António Costa afastou-se ontem da receita orçamental seguida pelos governos de José Sócrates ao afirmar na conferência “Política Fiscal”, promovida pela Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas e pela TSF, que não repetirá o modelo económico-financeiro aplicado até 2007, sustentando que é preciso “fazer diferente” e atacar os “bloqueios” que se colocam à competitividade do país.

Na abertura do evento, que teve lugar na Fundação Champalimaud, em Lisboa, o secretário-geral do PS notou que “o que importa é o que efetivamente aconteceu e não aquilo que poderia não ter acontecido se a crise internacional não tivesse ocorrido” e destacou que “o tempo não volta para trás e, portanto, não estamos nem voltaremos a estar nas condições de 2007 nem são repetíveis as virtudes ou a vicissitudes que ocorreram em 2007”.

“É preciso fazer diferente”, disse insistentemente o líder socialista, que explicou de seguida a tese ao

salientar que aquilo que “bloqueia” Portugal é a dificuldade de as estruturas económicas se adaptarem a um novo contexto de competição internacional.

De caminho, lançou várias críticas ao governo de Pedro Passos Coelho por este ter “acreditado numa austeridade expansionista” por via de “uma enorme contração do rendimento disponível” e também do “aumento da carga fiscal”.

“A contração do investimento é bem o reflexo desta política errada. É por isso necessário procurar um caminho alternativo”, prosseguiu Costa, apesar de ter feito o alerta de que esse caminho “está sujeito a limitações no quadro europeu”. E, sem nomear, falou do exemplo do governo grego liderado pelo Syriza: “Quem não quiser sujeitar-se a essas limitações coloca os seus países numa trajetória aventureira de rutura com a participação europeia”, apontou.

Ao primeiro-ministro coube o encerramento da conferência, já na parte da tarde. Passos Coelho aproveitou a ocasião para chamar a oposição a jogo, pedindo núme-

ros sobre aquilo que cada partido tenciona gastar setorialmente, caso se torne governo. “Teria muita utilidade, nomeadamente em anos eleitorais como este, que, de um modo geral, os partidos pudessem ser claros quanto àquilo que são seus objetivos em matéria de política orçamental, porque é isso que determina o nível de fiscalidade. Quanto queremos gastar em saúde? Quanto é que queremos gastar em educação? Quanto é que queremos gastar em segurança social?”, questionou o chefe do executivo PSD-CDS. Isto porque, frisou, “o governo fê-lo claramente no Programa de Estabilidade que apresentou à Assembleia da República e à Comissão Europeia”.

De caminho, Passos classificou como “uma ilusão” voltar a absorver o emprego que existia em 2011 em setores como a construção e as obras públicas. E, sem nomear, alertou António Costa: “Se nós quisermos ficar a olhar para o passado, para um modelo que era simplesmente inviável e insustentável, estaremos a cometer duas vezes o mesmo erro.”

Já Jerónimo de Sousa ancorou-se no programa do PCP para defender uma rutura com a política fiscal da atual maioria e apontou o dedo ao governo por se “arvorar em campeão do combate à evasão fiscal”. “Os principais problemas e estrangulamentos da política e sistema fiscal português resultam de uma carga fiscal mal distribuída, de uma base tributária limitada, de fraude, fuga e evasão fiscal, incluindo a legal, e um aparelho fiscal com evidentes insuficiências e deformações”, observou o líder comunista.

Por sua vez, a coordenadora do BE, Catarina Martins, optou por atacar o PS com base na proposta dos socialistas de redução da taxa social única (TSU). “Quando o PS propõe haver rendimento disponível nas famílias não redistribuindo rendimento mas mexendo com a TSU, está, mais uma vez, a não querer enfrentar a raiz dos problemas e a empurrar com a barriga o problema”, acusou a porta-voz bloquista, traçando um paralelo com aquilo que aconteceu com as PPP.